

Antropologia Portuguesa

Volume 22-23 · 2005-2006

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

Dossier Temático

VIOLÊNCIA

que ele apelida de *programa neurathiano de integração racional* – um programa de *meta-racionalidade* em que a racionalidade é usada para se avaliar a si mesma e para avaliar instituições que contêm e circunscrevem os produtos culturais da evolução racional (p. 219).

Stanovich vem afinal reclamar uma reavaliação dos modos de racionalidade, fazendo-a ancorar nas ciências cognitivas (melhor seria dizer, em certos sectores destas). Dir-se-ia que Stanovich é um dos autores a considerar quando pensamos na reinvenção contemporânea da tradição Iluminista (um autor a ler a par de Dawkins, Dennett ou Sperber), afirmando-se *The Robot's Rebellion* como um elogio à declinação secular e analítica subjacente à modernidade enquanto projecto inexorável. A inexorabilidade deste projecto e a reflexividade que ele exige são certamente traços maiores na sua proposta de reforma cognitiva do presente. A Nemésis da Razão passa seguramente por aqui, num tempo em que uma pulsão niilista percorre o mundo académico, e não só.

Outras referências:

Sperber, D. 2001. An objection to the memetic approach to culture. *In*: Aunger, R. (ed.) *Darwinizing culture: the status of memetics as a science*. Oxford, Oxford University Press: 163-173.

Luís Quintais

Departamento de Antropologia
Universidade de Coimbra
3000-056 Coimbra, Portugal
lfgsq@antrop.uc.pt

White, M.; Gribbin, J. 2004. *Darwin: uma vida de ciência*. Mem Martins, Publicações Europa-América. 381 p. ISBN 972-1-05350-3. € 23,51

A publicação, em 1859, de *On the origin of the species by means of natural selection* de Charles Darwin, abalou severamente o edifício filosófico de matriz judaico-cristã que estribava desde há quase dois milénios a civilização Ocidental. Darwin e, concomitantemente, Alfred Russell Wallace, ao admitirem conceitos como *especação* e *evolução* e mostrando como a *selecção natural* podia explicar o aparecimento de todas as espécies vivas, desassossegaram tumultuosamente a *ethos* vigente na sociedade vitoriana, repudiando o fixismo das espécies postulado pelos sectários das teorias criacionistas.

On the origin of the species condensa duas grandes teses. A primeira refere que todas as espécies, extintas ou vivas, descendem sem interrupção de uma ou de algumas formas originais de vida. A segunda define a maior e mais original contribuição do naturalista inglês: a teoria da *selecção natural*. Sucintamente, esta refere que os membros de uma mesma espécie diferem nas suas características (*variação*), os progenitores transmitem algumas das suas propriedades distintivas à progénie (*hereditariedade*); e, finalmente, devido aos seus caracteres peculiares alguns indivíduos têm mais descendentes que outros, numa mesma população (*reprodução diferencial*). O génio de Darwin apercebeu-se que este processo, *selecção natural*, age sobre a variação numa lógica de *supressão* das características deletérias relativamente à sobrevivência e reprodução e de *disseminação* dos caracteres que promovem a sobrevivência e o sucesso reprodutivo dos indivíduos.

Charles Darwin é, para além de Albert Einstein, o cientista mais reconhecido pelo público interessado, mas não especializado, nos meandros da ciência. Ilustrado numa nota de £10, Darwin é convocado de forma banal à intimidade dos Britânicos. No âmbito rural dos Estados Unidos da América – no famigerado *Bible Belt* – reservam-lhe, não poucas vezes, o estatuto de apóstata e herege, de “capelão do demónio”, como o próprio referiu uma vez de forma trocista. Em Portugal, ou é ignorado ou é considerado de forma fragmentária, parcial e preconceituosa. Não obstante, a vida e o trabalho de Charles Darwin, quando são conhecidos, são usualmente limitados ao seu *opus magnum*, a *Origem das Espécies*. A verdade é que existe um Darwin para além da *Origem*: no início um menino rico, esbanjador. Às vezes cientista. Uma odisséia fulcral e transformadora no pequeno Beagle. Uma carreira científica ímpar e subversiva como geólogo, primeiro, e como biólogo, depois. Uma família amada em crescendo geométrico (a invectivar o inspirador Malthus?). Amizades sinceras, outras nem tanto. Doenças e amargura.

Quem foi então *este* Charles Darwin, desconhecido? Em *Darwin: uma vida de ciência* os prolíficos Michael White e John Griffin (escreveram, por exemplo, biografias de Albert Einstein e Stephen Hawking) justapõem sobre a vida pessoal e científica de Charles Darwin um olhar amplo e complexo mas acessível ao leitor inexperto. A solidez da narrativa biográfica, nunca atingindo os patamares mínimos exigidos a uma versão integral e definitiva da vida do naturalista inglês, recorre, impúdica mas certamente, à mestiçagem de informações respigadas de fontes primárias e secundárias. No género literário a que se convencionou chamar biografia presume-se que existe uma correspondência entre um texto, ou uma estrutura de palavras, e um conjunto de ações humanas. No entanto, o texto nunca molda mais que um conjunto pré-seleccionado e limitado de dados que formam um

todo significativo. Desse modo, qualquer descrição biográfica envolve escolhas e falhas. Este livro de White e Griffin não pretende ser como os desmesurados mapas fabulados por Jorge Luís Borges, que tinham o tamanho e coincidiam pontualmente com o Império; não almeja, pois, a utopia de sobrepor uma tessitura de palavras, um corpo de texto, sobre toda a vida de Darwin. O propósito implícito é dar a conhecer o outro Darwin, que não aquele que escreveu simplesmente a *Origem das Espécies*, evitando concomitantemente aborrecer o leitor com um interminável e maciço compêndio abrangendo os mais insignificantes pormenores da vida do cientista inglês.

A fórmula expositiva usada pelo jornalista Michael White e pelo cientista John Griffin nesta biografia alterna os capítulos que invocam a vida pessoal de Darwin, o seu trabalho como cientista e a história das teorias evolucionistas. Os biógrafos seguem, de resto, a norma no que concerne às biografias do cientista inglês, acomodando os seus feitos científicos no contexto da Inglaterra do período vitoriano: em plena revolução industrial, *dickensiana*. Desse modo, se é verdade que o estatuto social e económico da família Darwin permitiu que o jovem Charles tivesse uma educação privilegiada, com dedicação total aos estudos e todas as benesses inerentes a uma situação económica desafogada, tal não supõe de forma directa que num único homem, apenas, se combinaram todos os factores necessários para desenvolver a ideia de evolução. Como afirmam os autores, em Darwin sucedeu “uma combinação de experiência a bordo do Beagle, imaginação, liberdade para trabalhar e, talvez o mais importante, a influência de uma forte tradição familiar de interesse e capacidade científicas.”(p. 17). Não discordando totalmente desta asserção, refiro que um Alfred Russel Wallace sem educação formal e provindo de um estrato socioeconómico carenciado, concatenou ideias a partir dos seus próprios dados e forjou uma teoria similar à de Charles Darwin. Por outro lado, John MacGillivray, o ébrio e dotado naturalista do HMS Rattlesnake, com um *background* social e percurso científico semelhantes ao de Darwin, não destinou quaisquer implicações evolutivas aos dados que foi recolhendo nas suas viagens. Portanto, o social não influencia definitivamente e em exclusivo a produção científica de excepção. Penetrando em terrenos movediços, arrisco falar em criatividade singular, em uma centelha de genialidade de Darwin.

Em *Darwin: uma vida de ciência* escalpelizam-se duas dimensões da figura de Charles Darwin: a sua vida pessoal e o seu trabalho científico. White e Gribbin acrescentam ainda um importante acervo de informações relativas à própria teoria da evolução, às teorias que a precederam e influenciaram e ao destino da teoria depois da morte de Darwin.

Um aspecto extremamente interessante desta biografia prende-se com a revelação da rede de relações familiares e de amizade que Darwin foi constituindo ao longo da sua vida. Na relação com a família, com o pai e com o seu irmão e depois com a esposa e os filhos, a preocupação maior de Charles parece ter sido a de assegurar a estabilidade – emocional mas também financeira – aos seus e a si mesmo. Estabilidade e segurança perdidas em momentos como a morte da sua mãe ou da sua filha Annie. O amor que devotou a Emma Wedgwood, a cristianíssima esposa, terá mesmo influenciado de forma decisiva o protelamento da divulgação das suas ideias evolucionistas (Cap. 1: “Juventude irrequieta”). Darwin foi resguardando as suas concepções heterodoxas, pelo menos 20 anos se passaram entre as primeiras letras *demoníacas* e a carta de Alfred Russel Wallace, que espoletou a célebre conferência da *Geological Society*. Em que os dois cientistas, em jargão críptico, disseram que não havia mão de Deus sobre as criaturas, que era tudo obra do acaso, do tempo e da selecção natural. Esmagado pelo fardo do seu trabalho herético, Charles demorou a confiar as suas ideias a outros colegas. Escolheu Charles Lyell que, para enorme tristeza de Darwin, nunca aceitou completamente a teoria da evolução (Cap. 7: “Reclusão”). No entanto, as suas relações com John Hooker e T.H. Huxley, por exemplo, valeram-lhe, não só duas amizades perenes, como o prestimoso auxílio de dois convictos e influentes prosélitos das suas ideias no dealbar das continuadas peijas entre criacionistas e evolucionistas (Cap. 11: “Batalhas com o fanatismo”).

Charles Darwin não foi a primeira pessoa a pensar na evolução, nem sequer no seio da sua própria família. Assim, nesta biografia existe uma preocupação em olhar a “pré-história” da biologia de forma a posicionar o feito do naturalista no seu contexto adequado (Cap. 2: “Evolução antes de Darwin”). De Empédocles de Agrigento até Jean Baptiste Monet, cavaleiro de Lamarck, os autores compõem uma ilustre genealogia de pensadores que tentaram descrever as origens da vida em termos evolutivos. Compreensivelmente, é dada especial relevância ao contributo de Erasmus Darwin, avô paterno de Charles, para o pensamento evolucionário. Outros precursores de Darwin, como Buffon, John Ray, Saint-Hilaire e Lineu, não são esquecidos. Os autores relevam também o paradoxal tributo de inúmeros membros do clero para a formulação de ideias evolucionistas, dissimuladas em pensamentos criacionistas: Gregório de Nissa, Santo Agostinho, Guilherme de Occam ou São Tomás de Aquino. Num outro capítulo (Cap. 14: “A evolução depois de Darwin”) é dado um vislumbre particular aos avanços da biologia evolutiva após a morte de Darwin.

Os autores realçam – de forma sensata, diga-se – a importância da imortal jornada de Charles Darwin a bordo do Beagle (Cap. 3: “Beagle”). O próprio Darwin reconheceu o carácter revolucionário e transformador que a viagem operou no seu pensamento acerca da natureza e origem das espécies:

“When on board HMS ‘Beagle’ as naturalist, I was much struck with certain facts in the distribution of the organic beings inhabiting South America, and in the geological relations of the present to the past inhabitants of that continent. These facts, (...) seemed to throw some light on the origin of the species – that mystery of mysteries.” (Darwin, 1994 [1859]:1)

Para além da colecta de dados essenciais à formulação de uma teoria válida da evolução, a viagem do Beagle ajudou Darwin a cimentar uma reputação científica junto da *intelligentsia* inglesa. Dos milhares de páginas de apontamentos e da colecção sistemática de espécimes geológicos, botânicos e animais resultou um trabalho de consolidação académica – em áreas científicas “ortodoxas” – que seria fundamental para a construção da imagem de Darwin enquanto sábio e, portanto, para a legitimação das suas ideias revolucionárias (Cap. 6: “Primeiros trabalhos” e Cap. 8: “Cracas e Biologia”).

“Darwin: uma vida de ciência” toca a essência do trabalho e da vida de Charles Darwin, testemunhando a sua persistência e originalidade sem criar no leitor a sensação de esmagamento. Uma introdução conveniente e proveitosa à intimidade e à obra do mais famoso dos naturalistas.

Outras referências:

Darwin, C. 1994 (1859). *The origin of species*. New Jersey, Castle Books.

Francisco Curate

Departamento de Antropologia
Universidade de Coimbra
3000-056 Coimbra, Portugal
f_curate@yahoo.com